

DO FUNCIONÁRIO

VILEM FLUSSER

E' lugar comum que a mente humana não consegue acompanhar o progresso. Os exemplos dessa afirmativa abundam. Os engenhos nucleares transferiram as guerras do campo da política internacional para o campo do Apocalipse, e a política internacional é incapaz de assimilar esse fato. O desenvolvimento da capacidade produtiva da indústria e da agricultura é tal que um único país (por exemplo os Estados Unidos) poderá suprir em futuro próximo toda a humanidade, e os economistas estão presos à mentalidade da carencia de produtos. Os meios de comunicação estão eliminando distancias, e todo um continente (a África) está sendo fragmentado anacronicamente em estados soberanos. Já existem métodos mecânicos e químicos que podem provocar qualquer estado psíquico, inclusive a "felicidade" (por exemplo, a propaganda subliminar e a mescaína) e quase ninguém está-se dando conta desse fato terrível. A física nuclear abriu fontes inesgotáveis de energia, e transformou o trabalho físico em comodidade tão barata quanto o ar, e a sociologia ainda não vislumbrou o fim do "homo faber". A cibernética e a eletrônica estão produzindo computadores que dispõem de uma memória e de uma capacidade de planejamento infinitamente superiores à humana, e a pedagogia ignora este fato. A automação substitui a automatização e elimina o fator humano tanto do setor produtivo quanto do administrativo, e as virtudes "laboriosas" humanas, como "aplicação" e "iniciativa" continuam valorizadas positivamente. Em síntese: a mente humana é incapaz de compreender e muito menos de aproveitar o progresso que ela própria desencadeou tão levemente.

O que falta, com efeito, é uma visão abarcadora da cena da atualidade, a partir da qual uma análise mais minuciosa da nossa situação possa ser feita. O que falta é uma distância irônica que eleve a mente contempladora por cima do turbilhão dos acontecimentos.

nário pelo termo homem, já que se trata de um novo tipo de ser que está surgindo.

Descreverei a situação, para depois procurar interpretá-la. No centro está um aparelho, por exemplo um computador, ou uma máquina automática de tipo material (tórno) ou ideal (repartição de um aparelho administrativo). O aparelho funciona. Não pretendo aprofundar-me no conceito da função, já que este envolve o cálculo diferencial e a lógica avançada. Direi apenas que funcionar é um processo no qual os valores das entidades empenhadas no funcionamento variam. Procurarei elucidar o significado dessa frase um pouco difícil mais adiante. O funcionamento do aparelho é um movimento das partes do aparelho. No caso do computador, por exemplo, é o movimento de partículas elétricas, de fitas magnéticas, de cartões perfurados e de entidades que chamei de "funcionários" no título deste artigo. No caso do tórno são as engrenagens, as alavancas e os funcionários que se movimentam.

No aparelho administrativo movimentam-se papeis, máquinas de escrever e funcionários no processo do funcionamento. Esse movimento do aparelho é circular, se visto de dentro, e linear, se visto de fora. Se visto pelo cartão perfurado, ou pela roda de engrenagem, ou pelo papel de ofício, ou pelo funcionário, é o aparelho um sistema fechado que gira sobre si mesmo. Se visto de fora, o aparelho se apresenta como um vertice dentro do qual se precipitam estatísticas, ou barras de ferro ou dinheiro, e do qual jorram informações, ou parafusos, ou projetos para estradas de rodagem. Visto de fora, o aparelho não passa, portanto, de uma função de um super-aparelho.

Mas é justamente essa visão de fora que o funcionário nunca poderá alcançar, isto é, se fôr funcionário perfeito. Está inteiramente englobado pela situação, e não pode superá-la. Movimenta-se e age em função do aparelho. Superar uma

sua própria definição ontológica o funcionário exerce função, isto é: o funcionário é uma propriedade, um atributo do aparelho. O funcionário não tem propriedade, ele é propriedade. Como a propriedade nunca se confunde com a substância, o funcionário não se confunde com o aparelho. O progresso do funcionário reside justamente nisto: tornar-se progressivamente propriedade mais valiosa.

O método do progresso do funcionário é sua adaptação ao aparelho. Há várias formas de adaptação, mas mencionarei apenas uma: a da especialização progressiva. Neia o funcionário se adapta a uma parte específica do aparelho. Com isso o funcionário adquire um papel específico no conjunto do processo do funcionamento. Isto é, algo que se parece, de longe, com a "pessoa". O especialista é um funcionário valioso, porque se assemelha a uma pessoa, e se destaca assim do anonimato.

Surge, na situação que descrevi, o problema da liberdade, isto é, o problema da escolha entre alternativas. É óbvio que o funcionário não pode escolher, já que é propriedade do aparelho. Mas está em atividade, funciona, e dá portanto a impressão e a ilusão de tomar decisões, especialmente porque ainda estamos atrasados e confundimos o funcionário com homem. E os altos funcionários, em especial, criam em nós a ilusão de se movimentarem com liberdade. Mas os seus movimentos exprimem apenas a vontade do aparelho. Essa vontade do aparelho é a realização automática do projeto, de acordo com o qual os aparelhos foram projetados. Não é vontade no sentido humano do termo. É por isto que as decisões dos funcionários são, necessariamente, inumanas. O aparelho e sua propriedade, o funcionário, não podem ser julgados por normas humanas, já que são um novo tipo de ser em atividade.

A situação que procurei esboçar é idealizada. Ainda não foram realizados aparelhos autônomos nem funcionários perfeitos. Os aparelhos mais au-

fo do presente artigo, modificará essa transformação inteiramente a cena do mundo. Creio que é preciso encarar esse fato.

"O Processo" de Kafka descreve um estágio um pouco mais adiantado do processo de transformação que tenho em mente. Nesse estágio o aparelho já é onipresente, mas o seu funcionamento ainda é falho. E a humanidade já se transformou em funcionalismo, mas K. ainda conserva vestígios do humano. Será portanto triturado, automaticamente e inhumanamente, pela engrenagem do aparelho. E acha justo que assim seja, porque não consegue mais transcender o aparelho. Mas a sensação que nos pervade ao contemplarmos o aparelho em seu funcionamento é a sensação do absurdo. Ainda nos rebelamos (e não nos rendemos como K.) porque ainda somos parcialmente humanos, e ainda temos parcialmente personalidade. Com essas propriedades que ainda temos, ainda conseguimos precariamente transcender a situação na qual fomos lançados. Ainda existimos



Franz Kafka

parcialmente e precariamente. Dada essa forma de ser que ainda temos, podemos ainda fazer filosofia. E há uma esperança nessa capacidade nossa. Podemos, pela filosofia, superar a autonomia e a automaticidade do progresso e, de fora, talvez influir no seu rumo. Não sei se podemos ainda fazê-lo, mas podemos pelo menos tentá-lo.

Para que essa nossa tentati-

É uma filosofia que falta. Pode objetar-se que o existencialismo é uma filosofia neste sentido, já que procura analisar diversos aspectos da situação na qual nos encontramos. O presente artigo dará um exemplo, a meu ver fundamental, da insuficiência das análises até agora ensaiadas. Para o existencialismo tem a situação humana a forma seguinte: o homem está lançado em meio de circunstância, essa circunstância forma o seu horizonte, e consiste de objetos e de outros homens. Defenderei a tese que essa forma da situação não se aplica a um novo tipo de situação que está se tornando sempre mais frequente. Nesse novo tipo o centro é ocupado pelo aparelho, e o horizonte é constituído de funcionários que funcionam em função do aparelho. Reluto em designar o funcio-

situação e um característico do homem. É neste sentido que dizemos que o homem "existe", isto é, "ek-siste" (supera). O funcionário não existe neste sentido do termo. É por isto que relutei em chamá-lo de homem. Para o funcionário perfeito o aparelho tem plena autonomia. É um sistema fechado sobre si mesmo. Não se pode falar em "finalidade do aparelho" do ponto de vista do funcionário, porque a finalidade do aparelho está além da situação, portanto no transcendente. Para o funcionário a pergunta pela finalidade do aparelho em função do qual ele funciona é uma pergunta metafísica no sentido pejorativo do termo. Carece de significado.

Em consequência são os movimentos do funcionário (aquilo que podemos chamar de "vida do funcionário") caracterizados pela circularidade. A vida do funcionário gira em círculos em redor do aparelho. É o eterno retorno do sempre identico, mas que não é totalmente eterno, porque o funcionário denotará, após alguns milhares de ciclos, falhas no seu funcionamento. É o cansaço do material que faz com que o funcionário seja aposentado, isto é, relegado para uma situação sem centro. Nessa situação o funcionário dá ainda algumas voltas em ponto morto, para depois deixar de funcionar em definitivo.

Os círculos que o funcionário descreve em redor do aparelho variam quanto à frequência da rotação e quanto ao raio que o separa do centro. Um funcionário bem integrado no aparelho gira com frequência e proximidade crescentes em relação ao aparelho. O funcionário avança e progride. Esse seu progresso varia em função do aparelho, e à medida que avança, aumenta o seu valor no conjunto do funcionamento. Este é o significado da frase um pouco difícil que prometi elucidar quando falei da função como conceito. A frequência e o diâmetro dos círculos em redor do aparelho são a medida de valores do funcionário: são sua norma. Valores que não se adaptam a essa norma não serão admitidos, nem percebidos. A meta do movimento do funcionário (que chamei um tanto eufemisticamente de "vida") é o círculo mais estreito. Funcionários que giram em círculos estreitos e em frequências altas, isto é, funcionários que frequentam círculos na proximidade imediata do aparelho, são funcionários plenamente realizados. Se o aparelho for muito grande, e o número dos funcionários muito elevado, poucos funcionários estarão tão bem adaptados a ponto de poderem realizar-se inteiramente. Estes poucos (por exemplo, presidentes de aparelhos administrativos comerciais ou políticos) serão confundidos por muitos com o próprio aparelho. Mas trata-se de uma ilusão de ótica criada pela distância, já que o funcionário jamais se confunde com o aparelho. Por

tônomo da atualidade ainda exigem um fator humano para dar-lhes impulso e para programá-los. E os funcionários mais perfeitos da atualidade ainda conservam vestígios do humano. Mas é óbvio que aparelhos autônomos são perfeitamente realizáveis e que serão realizados pela própria força do progresso, o qual é, em última análise, um aparelho em busca automática de autonomia. É igualmente óbvio que funcionários perfeitos serão realizados, já que os vestígios do humano que ainda conservam entravam o seu funcionamento. A situação que descrevi é idealizada, mas será realizada em breve. A transformação total daquilo que ainda é natureza e sociedade, em aparelho, e a transformação total daquilo que ainda é humanidade, em funcionalismo, é uma questão de tempo. Aliada a outros fatores, alguns dos quais mencionei no primeiro parágrafo

va tenha sentido, é necessário, que saibamos, pelo menos aproximadamente, que rumo queremos que o progresso tome. É necessário que tenhamos valores. A filosofia que tenho em mente deverá formular esses valores. O existencialismo falhou, a meu ver, duplamente. Não conseguiu transcender a situação, e não conseguiu formular valores. Nós, no Brasil, estamos, neste sentido, em situação privilegiada. Somos "subdesenvolvidos". O progresso, cujos aspectos apontando o aparelho e o funcionário procurei esboçar, está aqui atrasado. Estamos em situação transcendente pela mera posição geográfica que ocupamos. Não é uma transcendência das mais elegantes, mas serve como ponto de partida. Podemos portanto contribuir, talvez significativamente, para a elaboração de uma filosofia que formule valores e aponte rumos ao progresso.

SUMÁRIO

<i>Villem Flusser:</i> DO FUNCIONARIO	
<i>Leyla Perrone-Moisés:</i> A PALAVRA EXIGENTE	
<i>Guilherme de Faria:</i> DESENHO	Pág. 1
RESENHA BIBLIOGRAFICA	
<i>Otto Maria Carpeaux:</i> BUROCRACIA E FICÇÃO	
<i>Wilson Martins:</i> A QUERELA LINGUISTICA	Pág. 2
<i>Cid Marcus:</i> A ESTRADA (Conto)	
<i>Renata Pallottini:</i> VIOLA D'AMORE (Poema)	
<i>Paulo Ronai:</i> INICIAÇÃO AO FRANGLES	
<i>Alcantara Silveira:</i> POEMAS E HISTORIAS EM QUADRINHOS	Pág. 3
<i>Pericles Eugenio da Silva Ramos:</i> JOÃO CARDOSO, BYRON E O ROMANTISMO (III)	
<i>Rolmes Barbosa:</i> A SEMANA E OS LIVROS	
<i>Temistocles Linhares:</i> CRÍTICA DE CRITICOS	
<i>Domingos Carvalho da Silva:</i> EROS E ORFEU	Pág. 4
<i>Mário da Silva:</i> UM MORTO NO PORÃO	
<i>Francisco Luiz de Almeida Salles:</i> CINEMA E "BELLE EPOQUE"	
<i>José da Veiga Oliveira:</i> DUAS EPISTOLAS	Pág. 5
<i>Emílio Mazza:</i> A ESCULTURA DA AFRICA NEGRA	
<i>José Gaspar Simões:</i> O MODERNO EM POESIA	
<i>Lylio Xavier:</i> REVISTA DAS REVISTAS	Pág. 6